

Diferentes experiências vividas a partir da percepção ambiental: o livro de registro e o parque

Different experiences based on environmental perception: the logbook and the park

Diferentes experiencias vividas desde la percepción ambiental: el libro de diario y el parque

Marcos Clair Bovo

<https://orcid.org/0000-0003-3582-6702>

marcos.bovo@unespar.edu.br

Universidade Estadual do Paraná - Campus Campo Mourão, UNESPAR, Campo Mourão, PR, Brasil

Resumo: este artigo apresenta reflexões teóricas com base na Geografia Humanística, estabelecendo uma relação entre espaço e lugar. Diante disso, a pesquisa tem por intenção/objetivo identificar e caracterizar a percepção dos usuários do Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo do município de Fênix-PR, percebida pelas impressões deixadas pelos sujeitos no memorial do livro de registro do parque, no período de 1990 a 1997. Para tanto, realizou-se o seguinte questionamento, como interpretar o parque enquanto lugar, espaço e paisagem com imagens e sentimentos dos visitantes? Para responder esse questionamento, foram elencadas quatro categorias: a beleza e a riqueza do parque, o poético, o museu arqueológico e a pesquisa que foram transcritas do livro de registro e interpretadas, levando-se em consideração as diferentes percepções sobre o parque. Os resultados indicam a presença de valores afetivos, ecológicos e históricos, os quais são percebidos e vivenciados pelos visitantes.

Palavras-chave: Lugar, Sentimento, Memórias.

Abstract: this paper discusses theoretical considerations based on Humanistic Geography, establishing a relationship between space and place. Thus, the research aims to identify and characterize users' perceptions of Vila Rica do Espírito Santo State Park, based on Fênix, Paraná state, considering people's impressions documented in the park's register book memorial, written between 1990 and 1997. To do that, the following question was raised: "How can we understand the park as a place, space, and landscape given the visitors' images and feelings?" To answer that, we established four categories: the beauty and richness of the park; the poetic; the archaeology museum; and the transcription and interpretation of passages from the logbook, considering different perceptions regarding the park. The results suggest the presence of affective, ecological, and historical values that are perceived and experienced by the visitors.

Keywords: Place, Feeling, Memories.

Resumen: este artículo presenta reflexiones teóricas basadas en la Geografía Humanística, también se establece una relación entre espacio y lugar. La investigación tiene como objetivo identificar y caracterizar la percepción de los usuarios del Parque Estatal "Vila Rica do Espírito Santo" del municipio de Fênix, PR, percibidas a través de las impresiones de los sujetos, dejadas en las memorias el libro de diario y el parque,

en el período de 1990 a 1997. Para ello se levantaron los siguientes cuestionamientos ¿cómo interpretar el parque así que lugar, espacio, paisaje e imágenes? y ¿cuáles son los sentimientos de los visitantes? Para responder esos cuestionamientos seleccionamos cuatro categorías: la belleza y riqueza del parque, lo poético, lo museo arqueológico y las investigaciones que se transcribieron e interpretaron del libro de registro, considerando las diferentes percepciones sobre el parque. Los resultados indican la presencia de valores afectivos, ecológicos, históricos que son percibidos y evidenciados por los visitantes.

Palabras clave: Lugar, Sentimiento, Memoria.

INTRODUÇÃO

Este artigo chama atenção para questões do espaço, lugar e suas paisagens, tendo por base a linha teórica da Geografia Humanística. Nela buscamos situar o espaço de vida humana como lócus da existência, onde o homem promove a troca com os ecossistemas naturais, transformando-os pelas influências históricas, socioeconômicas, sociopolíticas e culturais que permeiam as pessoas ou grupos de pessoas que frequentam um determinado lugar.

A pesquisa tem por objetivo identificar e caracterizar as percepções dos usuários do Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo, no município de Fênix-PR, detectadas pelas impressões dos sujeitos deixadas no memorial do livro de registro do parque, no período de 1990 a 1997. Também foram selecionados dois frequentadores desse período para responder a um questionário referente ao parque. Os registros deixados permitem compreender o parque enquanto área pública ou área verde, possibilitando associar o reencontro do indivíduo às formas naturais de convívio com a natureza, e o quanto essa interação é significativa para sua qualidade de vida.

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde ao lugar. Para Machado (1996, p. 98), “as idéias de espaço e lugar não pode ser definida uma sem a outra, embora não haja limites precisos entre espaço, paisagem e lugar e os fenômenos experimentados”. Para Relph (1979, p. 16), “lugares contém paisagens, e espaços contém lugares”. Diante disso, como compreender o que as pessoas sentem sobre o espaço, lugares e paisagem do parque? Como considerar as diferentes maneiras de experimentar o parque (sensora-motora, tátil, visual e conceitual)? Como interpretar o parque enquanto lugar, espaço e paisagem com imagens e sentimentos dos visitantes?

A paisagem do parque resulta da fusão entre os elementos naturais e os construídos com o cenário do mundo vivido. Algumas das particularidades do parque são percebidas apenas pelos funcionários, pelos pesquisadores ou ainda pelos moradores da pequena cidade de Fênix que o frequentam, não são percebidas pelos visitantes que apenas passam por ele. **É possível** considerar a percepção dos funcionários, dos pesquisadores e dos moradores como uma informação de grande relevância para a pesquisa da interação entre o homem e a paisagem, pois se trata de um cenário experimentado e vivenciado, porém não se pode esquecer das experiências, das sensações do sentimento dos visitantes que por ali passaram.

Ao perceber as subjetividades reveladas pelo sujeito, quando se faz uso do parque, a intencionalidade é ir muito além das impressões relativas à estética e à funcionalidade dos aspectos ambientais relacionados à paisagem. Tuan (1980, p. 107) destaca que esses aspectos podem revelar “todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio natural”. Dessa forma, o autor discute a categoria de lugar como variável.

Para a interpretação dos textos escritos no livro de registro, foram elencadas quatro categorias que serão analisadas ao longo desse artigo: a beleza e a riqueza do parque, o poético, o museu arqueológico e a pesquisa que serão interpretados na ótica da geografia da percepção.

O PARQUE: UM “OLHAR” NA PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA DA PERCEÇÃO

Os parques urbanos podem ser compreendidos como espaços com dimensões significativas, com predominância de cobertura vegetal e equipamentos destinados à recreação (Kliass, 1993). Diante desse conceito, é possível entender a percepção ambiental, seus sentidos, dimensões e, principalmente, a sua função social de proporcionar à cidade um lugar para se viver bem, tendo em vista o contato com a natureza.

Diante disso, Lima et al (1994, p. 545) complementam a definição de Kliass (1993) ao abordar os parques urbanos como: “uma área verde, com função ecológica, estética e de lazer, entretanto com uma extensão maior que as praças e jardins públicos”.

Quanto às contribuições ecológicas ou ambientais, estas são constituídas por elementos naturais que compõem esses espaços, minimizando os impactos decorrentes da urbanização e da industrialização. Bovo e Amorim (2011) destacam que a vegetação exerce uma influência positiva na purificação e refrigeração do ar, no abrigo à fauna e favorece o reconhecimento de novos habitats para a maior variedade de espécies animais, na manutenção das propriedades de permeabilidade, fertilidade do solo, no amortecimento de ruídos etc. Já com relação à função estética, visa à integração entre os espaços construídos e os destinados à circulação, além da diversificação dos elementos que compõem a paisagem urbana. Por fim, a social, refere-se à oferta de espaços destinados ao lazer da população.

Para Macedo e Sakata (2010, p. 14), a definição de parque nem sempre é clara, com alguns considerando o parque como qualquer espaço público de lazer ou de conservação, com presença de vegetação. Para determinados autores, o parque é caracterizado pela disponibilidade de estruturas de lazer, podendo ser conceituado como:

[...] espaço de uso público destinado à recreação de massa, qualquer que seja o seu tipo, capaz de incorporar intenções de conservação e cuja estrutura morfológica é autossuficiente, isto é, não é diretamente influenciada em sua configuração por nenhuma estrutura construída em seu entorno (Macedo; Sakata, 2010, p. 14).

É nesse sentido que Macedo e Sakata (2010, p. 13) consideram o parque urbano “um elemento típico da grande cidade moderna, estando em constante processo de modificação”.

Já Carneiro e Mesquita (2000) definem os parques como espaços livres públicos que estão na malha urbana, que apresentam paisagens naturais, vegetação, topografia, elemento aquático, tendo construções próprias para atividades culturais e recreativas.

Várias são as definições de parques urbanos, cada qual com sua especificidade, onde alguns autores ressaltam a importância da preservação, outros da recreação. Ao analisá-las, percebe-se que são diferentes em suas formas, funções e conteúdo (Albuquerque, 2006). Cada parque tem seus usos e funções que são determinados pela necessidade da cidade em que foi planejado, cada um com sua peculiaridade que o torna um lugar acolhedor, seja para a educação ambiental, para recreação ou apenas para a contemplação da natureza. Para Scalise (2002), os parques urbanos surgem como elementos culturais com perfis diferentes, sendo uma forma de encontrar o equilíbrio entre o processo de urbanização contemporâneo e a preservação do meio ambiente, exercendo diferentes usos e funções através dos tempos.

O lugar onde se situam os parques se configura como uma expressão: “existencial e coletiva onde são manifestadas as vivências humanas, sintetizando, portanto, o conjunto de valores simbólicos, emocionais e biológicos do sujeito em sua interação com o meio” (Alves, 2012, p. 29). Assim sendo, a fenomenologia apresenta uma continuidade imediata entre o homem e o espaço ocupado.

A geografia fenomenológica, ao tratar dos lugares, leva em consideração seus significados e representações, estabelecendo relações com o mundo percebido e vivido. Para Lencioni (2003),

Esta preocupação com o espaço vivido colocou no centro da análise o lugar. Isto porque é o lugar, mais que o espaço, que se relaciona à existência real e à experiência vivida. O lugar, porém, é visto pela Geografia sob influência da fenomenologia não como um lugar em si, um lugar objetivo, mas como algo que transcende sua materialidade, por ser repleto de significados. Por isso é que o lugar, concreto, único e que tem uma paisagem, não apenas natural, mas essencialmente cultural, torna-se o centro e o objeto do conhecimento geográfico (Lencioni, 2003, p. 154).

Essa relação entre “lugar” e “espaço” simboliza as relações de vínculos de pertencimentos que são mantidas por essa categoria de construção espacial, ou seja, as sensações de pertencimento acabam possibilitando a conversão do “espaço” em “lugar”. Na mesma linha de pensamento, Dardel (2011) destaca que:

Do plano da geografia, a noção de situação extravasa para os domínios mais variados da experiência do mundo. A “situação” de um homem supõe um “espaço” onde ele “se move”; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência. “Perder a localização” é se ver desprovido de seu “lugar”, rebaixado de sua posição “eminente”, de suas “relações”, se encontrar, sem direções, reduzido à impotência e à imobilidade. Novamente a geografia, sem sair do concreto, empresta seus símbolos aos movimentos interiores do homem (Dardel, 2011, p. 19).

Corroborando os autores Lencioni (2003) e Dardel (1990), Tuan (1980) destaca que o lugar se refere ao espaço que apresenta valor simbólico, emocional, sentimental e de memória. O espaço torna-se lugar a partir do momento em que as experiências vividas em determinados locais passam a ter definição e significado.

Dessa forma, os lugares são constituídos a partir da experiência vivida, podendo ser visíveis ou ainda invisíveis. Tuan (1983, p. 179) destaca que a visibilidade de certos lugares ocorre a partir dos objetos estáveis que nos chamam a atenção e por eles atribuímos significados. O sentido desses objetos pode variar de pessoa para pessoa, pois a percepção pode sofrer influência da cultura e variar conforme a escala.

De acordo com Tuan (1980), existem diferentes formas de estabelecer relações com os lugares. Entre elas se encontra a topofilia, isto é, a ligação afetiva entre as pessoas e o lugar ou ambiente físico. Para o autor:

A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *lócus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida (Tuan, 1980, p. 107).

Entende-se que os sentimentos topofílicos que foram desenvolvidos em certos lugares ou ambientes físicos serão inspirados pelas experiências que foram vivenciadas, dependendo do contato físico que se estabelece com o meio. Para Tuan (1980), a compreensão dos lugares é obtida a partir da percepção por meio dos sentidos aos estímulos externos nos quais os fenômenos podem ser registrados ou bloqueados. As percepções são obtidas por meio dos órgãos dos sentidos, a visão, tato, olfato, audição e paladar. Ou ainda, as percepções que são formadas de determinados lugares podem ser modificadas, dependendo da classe social, das experiências, do nível cultural.

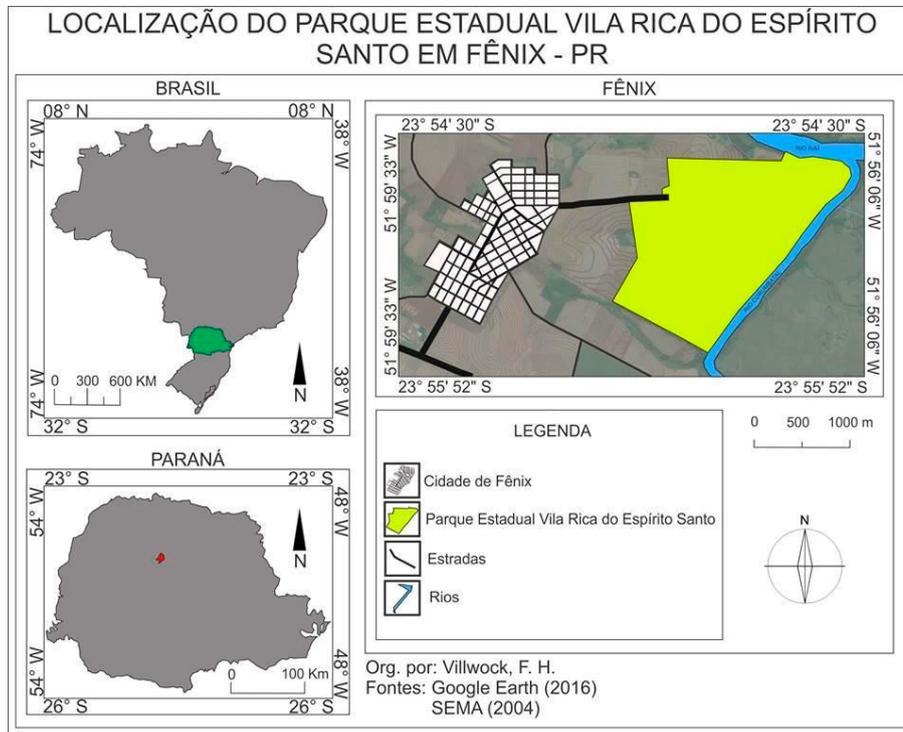
Outro elemento a ser considerado refere-se à familiaridade com o lugar, que pode variar de indivíduo para indivíduo. Por exemplo, o nativo tem uma atitude complexa, expressando seu comportamento dentro da tradição local. Já a percepção do visitante não é influenciada pela cultura local, porém é importante para a compreensão dos lugares, pois a sua perspectiva é nova, podendo perceber méritos ou defeitos, que muitas vezes não são percebidos pelo nativo.

Assim sendo, busca-se por meio das percepções deixadas pelos visitantes, no livro de registro do Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo, identificar a beleza, a poesia, o museu e a pesquisa percebida e vivenciada, cada um interpretado ao seu modo, porém com diferentes olhares.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida no Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo Rubens Augusto de Andrade, no município de Fênix (Figura 1). Este está localizado na mesorregião Centro Ocidental Paranaense, aproximadamente a 412 km de Curitiba, 205 km de Londrina, 92 km de Maringá e 60 km da cidade de Campo Mourão (Mikich; Oliveira, 2004). O parque, localizado na confluência dos rios Ivaí e Corumbataí, possui 353,86 ha (Mikich; Oliveira, 2004).

Figura 1: Localização do Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo Fênix - PR



Fonte: Vilwock F. H. a partir de *Google Earth* (2016)

A opção pelo método fenomenológico surgiu a partir da análise do livro de registro do parque, disponibilizado na entrada principal do parque, tendo em vista as diversas impressões deixadas pelos visitantes na forma de texto escrito ou desenhos. Todos os frequentadores que usufruíam desse espaço poderiam registrar suas impressões após a visita, no que se refere aos aspectos relacionados à percepção e os sentidos dos sujeitos em registrar os elementos significativos por meio da linguagem escrita sobre o uso e representatividade desse ambiente como espaço percebido.

A pesquisa é composta por etapas, sendo a primeira referente à pesquisa bibliográfica em periódicos científicos, livros, teses e dissertações sobre a temática, nos quais se buscou conhecimentos referentes aos parques urbanos.

Na segunda etapa metodológica, elegeu-se quatro categorias: a beleza e a riqueza do parque; o poético; o museu arqueológico e a pesquisa. A partir dessas categorias, foram

realizados os levantamentos e as transcrições mais significativos com relação à percepção do sujeito frente ao ambiente físico/natural, social e estrutural do parque, considerando os depoimentos entre os anos de 1990-1997, período esse escolhido, pois a partir do ano de 1997 o livro de registro contendo as memórias foi abolido. É importante destacar que todos os nomes das transcrições do livro de registro foram excluídos mantendo apenas as letras iniciais e garantido o anonimato dos mesmos.

Na terceira etapa, foi utilizada a abordagem qualitativa na análise dos dados, tendo por base Minayo (1995), que destaca questões essenciais referentes à subjetividade, as quais foram expressas pelo sujeito frente ao espaço vivido, tais como: valores, impressões, sentimentos, aspirações, crenças e outros que, em todo caso, não podem ser quantificadas em termos das vivências relacionadas dos sujeitos com o ambiente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As análises a seguir discutem a percepção e compreensão do Parque Vila Rica do Espírito Santo em toda a sua complexidade e dinâmica. A paisagem do parque é o cenário de experiências cotidianas e de manifestações topofílicas. Para Tuan (1980), existem diferentes formas de se estabelecer relações com os lugares, e uma dessas formas é a topofilia, ou seja, a ligação afetiva entre as pessoas e o lugar ou ambiente físico.

Há o entendimento de que os sentimentos topofílicos que são adquiridos em certos lugares ou em ambientes físicos serão influenciados pelas experiências que são vivenciadas, dependendo do contato físico que se estabelece com o meio, por exemplo, os sentimentos e percepções adquiridas pelos visitantes do Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo.

Portanto, as análises apresentadas têm por base a abordagem qualitativa levando-se em consideração as questões essenciais abordadas por Tuan (1980) e Minayo (1995) referentes à subjetividade expressa pelo sujeito frente ao espaço vivido, dentre elas: valores, impressões, sentimentos, aspirações, crenças e outros que, em todo caso, não podem ser quantificadas em termos das vivências relacionadas aos sujeitos e estes com o ambiente.

Para Tuan (1980), a compreensão dos lugares se deve à percepção, ou seja, é uma resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são registrados, enquanto outros são bloqueados. Diante disso, as percepções ocorrem por meio dos órgãos dos sentidos: visão, audição, tato, olfato e paladar.

A beleza e a riqueza do parque

Para Machado (1996, p. 97): “aprendemos a realidade que nos cerca por meio dos sentidos, que podem ser comuns (visão, audição, tato, olfato, paladar) ou especiais, como o sentido e as formas de harmonia, de equilíbrio, de espaço e lugar”.

Há o entendimento de que os acontecimentos chegam por meio dos sentidos, ocupando apenas uma parte do nosso conhecimento. Em contrapartida, as demais informações são obtidas por meio das pessoas, livros, meios de comunicações, por meio da escrita ou pela oralidade.

Entende-se que a beleza e a riqueza do parque são percebidas por cada pessoa pela “refração por meio das lentes culturais e pessoais, de costumes e fantasias. Todos nós somos artistas e arquitetos de paisagem, criando ordem e organizando espaço, tempo e causalidade, de acordo com as percepções e predileções”, (Machado, 1996, p. 98). Assim sendo, Lowenthal (1982, p. 141) afirma que: “a geografia do mundo é unificada somente pela lógica e ótica humanas, pela luz, e cor artífice, pelo arranjo decorativo e pelas ideias do bom da verdade e da beleza”.

A visitante M. (28/11/1990) deixou no livro de registro a seguinte percepção sobre o parque:

É muito bom poder usufruir de um espaço tão belo e tranquilo como este parque. Pois nele recebemos muita paz e tranquilidade. É bonito em tudo que tem. Só espero que persista por muito mais tempo. Proporciona momentos de reflexão sobre o que o homem vem fazendo com a natureza o que nos remete a um compromisso com o verde e com a fauna. Vale bastante mantê-lo vivo e aberto ao público. Agradeço em especial a Deus que proporciona tal ambiente e dos homens que aqui estão para mantê-lo (M.28/11/1990).

O registro apresenta a percepção da visitante quanto ao espaço natural que pode produzir diferentes sensações, como a tranquilidade, a contemplação da natureza, o contato com o verde e a fauna, e o místico quando destaca o agradecimento a “Deus e aos homens”. Essa interação com o parque produz diferentes significados que podem ser observados pelo conjunto de elementos que o compõe, ou seja, os elementos naturais e os construídos, cujos significados são compreendidos e atribuídos pela visitante. É a vegetação que ganha destaque nesse aspecto, o que se atribui à originalidade do parque. Por outro lado, os significados atribuídos interagem com a paisagem vivida pela visitante, tendo em vista as manifestações topofílicas que incluem o contato corporal, ocasionando resposta tátil, ou seja, o ar, a vegetação, tudo isso resulta em um lugar bonito e tranquilo.

Para a professora C. (05/12/1990), também visitante: “O parque é de grande valor ecológico, pois avivam em nós, professores e alunos, o sentimento de valorização da natureza e desperta o gosto pela ecologia e cultura dos povos”. Neste caso, quando se interpreta o que está no livro de registro, a paisagem do parque está relacionada à sua formação, pois ela destaca os valores científicos como: “o valor ecológico”, “a ecologia”, “cultura dos povos” e, por fim, o sentimento de valorização da natureza. Isso acontece por que a profissional acumula conhecimentos científicos e desenvolve atividades práticas de conscientização em relação à paisagem vivenciada em conjunto com seus alunos, na maioria das vezes explorando os aspectos físicos, humanos, ecológicos, históricos, econômicos e paisagísticos do parque.

Já na opinião de M. (21/02/1997), fica evidente: “A beleza e a singularidade deste fragmento remanescente de uma floresta exuberante que nos embala e anima a desenvolver novos trabalhos e nos deixa extremamente gratificados por ter escolhido uma profissão tão perto dessa realidade”. O visitante destaca ainda que a participação de todos é essencial para o “desenvolvimento deste local que certamente as futuras gerações irão agradecer”. As impressões deixadas pelo visitante dão a ideia de um pesquisador, uma vez que apresenta no seu texto

a expressão “singularidade deste fragmento remanescente de florestas” e procura descobrir a realidade investigada, tal como experimentada por ele, ou seja, desenvolver novos trabalhos relacionados à profissão escolhida. Outro elemento destacado pelo visitante do parque é a percepção da beleza vista e vivenciada na “floresta exuberante” e a preocupação com as gerações futuras. Fica entendido que a responsabilidade em relação ao meio ambiente do parque é atribuída às autoridades de uma forma geral, a toda a sociedade e também aos funcionários e técnicos que devem valorizá-lo.

Outro fragmento de texto encontrado no livro de registro que chamou a atenção refere-se à participação da Universidade Federal do Paraná em 26 de fevereiro de 1999, onde a visita

[...] serviu como reconhecimento da floresta estacional semi-decidual no Paraná. Sendo um dos últimos remanescentes deste tipo de vegetação, a floresta existente no parque estabeleceu um primeiro contato dos alunos com esta formação. Foi realizado um levantamento quantitativo visando à prática do método de “ponto e quadrante” por parte dos alunos, sendo amostrados 88 indivíduos na trilha de educação ambiental. Espécies como o palmito (*Euterpe edulis*), guarita (*Astronium graveolens*), laranja-do-mato (*Citrus aurantium*), pau-d’alho (*Gallesia integrifolia*) e chincho (*Sorocea bonpland*) foram as mais frequentes (UFPR, 1999).

Pelo registro pode-se perceber parte da riqueza e da exuberância da vegetação existente. Esse registro dá a ideia da significância do valor ecológico para o grupo de estudiosos, pessoas de nível universitário, sendo a paisagem do parque percebida de modo científico e conceitual. Para esses pesquisadores, é uma paisagem não vivida, porém percebida por meio do conhecimento científico de alguns profissionais, às vezes identificada por uma ou outra emoção mais forte, despertada pela beleza, ou grandiosidade do parque.

Machado (1996, p. 119) destaca que o “aspecto cognitivo que sobressai nesse grupo [...]” de pesquisadores [...] “embora ele seja o mais importante nas trocas funcionais do seu eu com o exterior, não revela uma interação de repetida afetividade pela paisagem”. O autor ainda enfatiza a questão de “respeito pelo banco genético [...]” sendo, “um reduto da fauna e da flora do estado” como patrimônio e natureza.

Também vale destacar o parque enquanto espaço de lazer ou de turismo sem descaracterizar a paisagem, pois é alvo da atenção de quem visita, e também da valorização. V. (13/10/1990) deixou no livro de registro escrito o seguinte texto: “*estou de férias no Brasil com meu marido. Me criei em Fênix e agora estou matando a saudade, e mostrando o parque para o meu marido gostei demais e vou voltar para a Holanda com o coração cheio do Brasil.*” A descrição feita por Verônica valoriza alguns aspectos topofílicos relacionados à contemplação da paisagem do parque pela visitante, pois cada pessoa enfrenta o mundo a seu próprio modo e contempla as paisagens por meio de imagens particulares. O texto registrado por V. remete à ideia de sentimento pelo lugar, “a saudade”, o “mostrar o parque”, “o coração cheio do Brasil”, ou seja, a paisagem para ela está cheia de sentimentos do passado, pois ela viveu ali. Diante disso, ela vivenciou a paisagem do parque e apreendeu o seu conteúdo

visual, subjetiva e afetivamente, o que permite a ela selecionar, explorar o conjunto de significados e significantes. O parque corresponde ao seu conjunto de aspirações, anseios e necessidades. Para ela o que importa são os sentimentos e saudade, como ficaram evidentes no registro deixado.

O parque enquanto lugar é percebido e vivenciado também por H. (20/07/1996) quando afirma: *“é bom conhecer um pedaço do que foi o estado do Paraná, melhor saber que existem pessoas preocupadas com a sua preservação. Temos compromisso ético com a preservação deste remanescente”*. Corroborando o pensamento da visitante, destaca-se que a responsabilidade deve ser atribuída tanto pelos órgãos públicos responsáveis pela gestão e planejamento do parque, como também pelos visitantes, pois são os apreciadores.

Reforça-se a ideia de H. (1996), com a visitante T. (12/07/1996) que destaca algo semelhante *“duas coisas são fortes no parque a própria natureza e a atenção dos funcionários na conscientização e esclarecimento das dúvidas. Parabéns! Ao Governo do estado à prefeitura e funcionários nossos cumprimentos pela iniciativa”*.

O poético

O geógrafo humanista Tuan (1980, p. 56), que elaborou proposições sobre topofilia, espaço e lugar, destaca que a *“literatura, mais do que os levantamentos das ciências sociais, nos fornecem informações detalhadas e minuciosas de como os seres humanos percebem o mundo”*.

No livro de registro do Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo pode-se encontrar algumas transcrições poéticas, nas quais o meio ambiente natural e a visão do mundo estão estreitamente ligados. Para Tuan (1980, p. 107), *“a resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar de efêmero prazer, que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito intensa, que é subitamente revelada”*. O geógrafo destaca ainda que *“a resposta pode ser tátil: o deleite de sentir o ar, água e terra”*.

Para o visitante S., *“A natureza é pedaço da nossa vida, preserve-a, pois ela faz parte da nossa vida e do nosso futuro”*, ele ainda escreve *“Preservar a natureza é um processo lento e custoso, mas necessário para a sobrevivência da humanidade”*. Concorde-se que a afirmação do visitante é positiva, pois significa que os aspectos ecológicos devem ser valorizados e preservados. Ele aprecia assim como é hoje e quer que as futuras gerações a conheçam da mesma forma, portanto, preservada.

Dando sequência à análise, foi encontrada a seguinte transcrição no livro de registro do parque, datada de 26/05/1995, porém sem identificação:

Vila Rica!

Rica em vida verde paz e harmonia.

Rica em esperança de uma sociedade consciente que valoriza sua herança.

É preciso navegar para a melhoria de suas funções. Por isso estivemos aqui outra vez.

Um dia haverá condições de torná-la cada vez mais rica.

Ao analisar essas suposições levou-se em consideração em primeiro lugar a observação do parque, do ponto de vista do espaço e lugar, partindo da experiência ambiental refletida nas ideias e concepções do visitante que valoriza alguns elementos: a “vida verde” fazendo analogia à vegetação exuberante do parque, a “paz e harmonia” dá a ideia de tranquilidade de um ambiente bucólico, a “esperança”, no sentimento de obter algo melhor para a sociedade, para o mundo. Também pode-se observar a expressão: “Vila Rica”, que se refere à riqueza das espécies vegetais existentes, da fauna rica em espécies e, também, da riqueza arqueológica da região que foi habitada por índios guarani.

O sentimento topofílico também aparece no poema trazido por L., extraído do livro de registro do parque intitulado: *Nada é mais belo que a natureza*. Para Tuan (1980), a topofilia não é apenas relacionada à percepção, ela também deve ser vista e compreendida a partir das atitudes e dos valores em relação ao meio ambiente, levando-se em consideração os aspectos sensorial, psicológico, etnocêntrico, cultural, ecológico e afetivo. Essa valorização pode ser vista no trecho do poema do visitante quando descreve o parque:

*A natureza é perfeita. A flora levanta e deita
Quando viva na floresta
O maior perfume do mundo
As ramagens verdes de um fundo
Se transformando em festa
O mundo dos animais
Astúcia dos canibais
Ciência da natureza
Deus deixou tudo perfeito
O homem não satisfeito
Profana essa beleza [...]*

Nessa descrição, o visitante representa a “natureza perfeita”, ou seja, uma imagem criada para favorecer a promoção do parque enquanto lugar. Entretanto, o fragmento do poema apresenta elementos tanto sensorial como visual “a flora levanta e deita” o “perfume do mundo” “as ramagens” é algo misterioso que é somente percebido e sentido pelo visitante no contato com o parque; essa representação do homem com o meio ambiente é uma relação imagética.

O parque é concebido pelo visitante como algo sagrado: “Deus deixou tudo perfeito”, para Tuan (1989, p. 168) “os lugares sagrados são locais de hierofania. A moita, a fonte, a pedra ou a montanha adquire caráter sagrado onde quer que seja identificado como alguma forma de manifestação divina”, nesse caso o parque é interpretado pelo visitante neste sentido. Assim, Tuan (1980, p. 164) destaca que “a arte constrói imagens do sentimento, tornado acessível à contemplação e meditação”, como é o caso desse fragmento de poema.

No fragmento do poema escrito pelo visitante L., sobre o Parque Vila Rica do Espírito Santo, ele expressa a não valorização de alguns elementos pelo homem, dentre eles a “natureza”, a “fauna e a flora”, como pode ser observado a seguir:

*Quem não ama a natureza
É porque não sabe a beleza
Que o nosso mundo tem
O sol, estrelas e lua e outros que ali atuam
No espaço e no além
Na terra, a fauna e a flora
Que o homem ignora
Com tanta poluição [...]*

Nesse fragmento do poema, o visitante expressa por meio do sentimento a preocupação com o parque, ou seja, com a sua fauna e flora. Isso envolve uma atitude de responsabilidade em relação ao parque, devendo ser atribuída a toda sociedade, especialmente aos moradores de Fênix que usufruem constantemente, aos funcionários, aos pesquisadores, e às autoridades que são responsáveis pela gestão e manutenção dessa área verde. Para Tuan (1980, p. 4), as atitudes representam: “[...] uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo”.

Já na última parte do poema, o visitante volta a estabelecer uma relação com o sagrado, como se pode observar:

*[...] O homem leva pro nada
Esta relíquia sagrada.
Que enriquece a nação.*

Os valores, os sentimentos, as atitudes, a valorização e a percepção ficaram transcritas no livro de registro do parque. São sensações descritas por meio de poema que refletem o sentimento e a percepção do lugar.

O poema do visitante vem de encontro com as ideias de Tuan (1980, p. 130), quando o autor destaca que: “as pessoas sonham com lugares ideais. A Terra, devido aos seus efeitos, não é vista em todas as partes como a morada final da humanidade. Por outro, nenhum meio ambiente falta poder para inserir a devoção, pelo menos de algumas pessoas”.

Toda essa sintonia entre o visitante L. e a paisagem do parque, por meio das suas sensações e percepção ambiental, levam-no a refletir sobre os problemas futuros:

*É grande a transformação
Da nossa respiração
Com o ar tão poluído
Mudando as trajetórias Das vias respiratórias
Deixando o povo oprimido [...].*

Concorda-se com Anne Spirn (1995, p. 55), que destaca:

Num dia claro, o céu-azul em cima torna-se cinza-chumbo em torno da cidade; no verão, a linha do horizonte tremula com o calor. Esta imagem é um lugar comum, nada merecedor das manchetes de jornais, mas o seu impacto no ambiente é permanente e mortal. Os muitos idosos, os muitos jovens e aqueles com doenças cardíacas e pulmonares sofrem mais intensamente com o calor e a poeira das cidades, mas com o

passar dos anos, a poeira e o desconforto fazem seus estragos nas pessoas saudáveis também. O impacto da poluição do ar em crianças é mais indeciso e duradouro.

Os fragmentos dos textos referem-se a cidades contemporâneas onde há exagerado consumo, desperdício de energia e matéria-prima, produzindo grandes quantidades de lixo e poluindo o ar. Toda essa mudança no ecossistema produz repercussões no ambiente urbano. Para Spirn (1995, p. 12): “a complexidade do ecossistema urbano desafia a compreensão, mas os perigos da não compreensão são assustadores. Muitos desses riscos, já são evidentes” e na maioria das vezes “ameaçam a saúde e a reprodução, aumento dos riscos e da vulnerabilidade de seus danos, diminuição de recursos e aumento dos custos”.

Tudo isso acaba prejudicando a qualidade de vida, conforme são destacadas as expressões utilizadas pelo visitante: “ar poluído”, “vias respiratórias”, “povo oprimido”. Todo esse fenômeno no espaço e no lugar são experienciados de forma negativa, pois a realidade é apreendida de acordo com as circunstâncias e por meio dos sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar).

Assim sendo, no próximo fragmento do poema de L. encontrado no livro de registro, faz-se uma analogia ao mundo moderno quando destaca:

*Nossa tecnologia
Que avança a cada dia
Buscando um mundo moderno
E o máximo de invenção
E ao toque de um botão
O planeta vira um inferno
Planeta Terra [...].*

Nesse fragmento, percebe-se a inquietação/preocupação com a tecnologia, tendo em vista o discurso dominante do poderio político e econômico mundial. O visitante destaca a tecnologia que pode ser benéfica ou muitas vezes maléfica, tudo isso depende do homem, da forma que o mesmo a utiliza ou para salvar o planeta. Conforme L., “o planeta vira um inferno” caso o homem use a tecnologia de forma inadequada.

Finalizando a transcrição de seu texto no livro de registro, o visitante deixa uma mensagem para a sociedade, apresentando o real significado do nosso planeta:

*Assim é o nosso mundo
Vivendo em comunidade
São coisas que a natureza
Não explica a humanidade
Os segredos dos mistérios
Deste mundo de bondade
Onde um odeia o outro
E o outro ama de verdade.*

É nesse sentido que a afetividade, a responsabilidade, a proteção e a atitude entre os homens poderão contribuir para um mundo melhor para as gerações presentes e futuras.

O museu arqueológico

O Museu Arqueológico foi implantado no Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo em 1990, com materiais arqueológicos recuperados das ruínas da área urbana de Villa Rica de Espiritu Santo (nome da antiga missão jesuítica em ruínas, localizada no parque).

Para a arqueóloga C. P.

O Museu do Parque Estadual constituiu uma excelente forma de aproximação da comunidade com o patrimônio natural, histórico e arqueológico da região. Pois nele estão condensadas informações básicas sobre a ocupação histórica da região, enfocando principalmente a cidade colonial espanhola de Villa Rica del Espiritu Santo, além de dados sobre o meio-ambiente. Certamente muitas pessoas coletaram objetos das ruínas, os quais atualmente se encontram espalhados em todo o Estado do Paraná, e até em outros locais do Brasil e exterior.

Será que os aspectos históricos do parque devem ser preservados? Esses aspectos são valorizados ao ponto de assegurar a manutenção de parte da sua história? Qual é a percepção dos visitantes e dos pesquisadores relacionados ao museu arqueológico?

Para o grupo de pesquisadores liderado por C. I. P., em visita a campo realizada entre os dias 12 e 19 de julho de 1990, os dados obtidos foram significativos tendo em vista *“o levantamento topográfico das ruínas de Villa Rica del Espiritu Santo, que foi iniciada em julho de 1986 pela seção de arqueologia do Museu Paranaense [...]”*. Assim sendo, essas pesquisas também *“ajudaram a acelerar mais o entendimento e a estrutura urbana desta antiga cidade espanhola”*. Segundo os pesquisadores, *“esse material coletado vai ser utilizado para a exposição permanente no museu do Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo”*.

A percepção dos pesquisadores contribuíra com os estudos já realizados pelo Museu de Arqueologia do Paraná por meio da apreciação visual da curiosidade científica e do conhecimento conceitual sobre a arqueologia. Mas de forma nitidamente exterior, sem que os respectivos sujeitos se aprofundassem neles, com raras exceções. Esse fato ocorre porque não existe uma relação com a paisagem vivida, ou seja, os pesquisadores interpretam e analisam de acordo com o conhecimento científico, ao passo que um visitante ou um morador de Fênix estabelece relações topológicas com o lugar, com a vegetação, solo, ar e outros elementos que estabelecem laços afetivos ou pela sensibilização ao meio.

Na sequência, C. P., em pesquisa realizada entre 31/07 e 07/08 de 1993, evidencia-se que:

Foi feita uma limpeza e colagem, bem como a pintura das vitrines do museu. Também realizou-se as vistorias nas trilhas e limite do parque para observação se havia aflorado alguns vestígios arqueológicos. Também foram medidas e marcadas mais seis casas dentro da área urbana de Villa Rica Del Espiritu Santo, bem como o enterramento de 1 lontra e uma paca dentro do Parque. Foi levada para Curitiba para identificação uma cobra e umas 15 aranhas.

As descrições e observações efetuadas pela pesquisadora são apresentadas de forma pertinente, pois abordam significados atribuídos com intuito de descobrir a realidade

investigada, tal como é experimentada pelo sujeito. Por exemplo, quando deixa evidente em seu registro “vistorias nas trilhas”, “vestígios arqueológicos”, “casas” e a identificação de uma cobra e aranhas. Naquela ocasião, em 1993, C. P. procurou resgatar, de modo tão preciso quanto possível, o que ocorreu com ela ao viver as experiências. E assim, buscava compreender e recompor o Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo com base na apreensão direta, no aprendizado ou na memória.

O período de vivência no parque pela pesquisadora indica também alguns elementos topofílicos que são adquiridos e transmitidos de maneira direta e indireta por meio das pessoas que mantêm contatos com a pesquisadora, como pode ser observado na seguinte passagem:

Deve ser comentado ainda que nos hospedaram no fantástico alojamento do Parque. Agradecemos imensamente a atenção e a amizade de todos os funcionários do Parque; nosso trabalho sem a colaboração de todos eles seriam realmente impossíveis. Esperamos retornarmos em breve.

É nesse contexto que a pesquisadora começa a se integrar ao parque e às atitudes em relação ao meio. Portanto, a valorização e a afetividade começam a ficar evidentes em seus registros, tais como quando cita “fantástico alojamento”, “atenção e a amizade”, com elementos percebidos e concebidos a partir das experiências vivenciadas.

Os relatos a seguir mostram os trabalhos desenvolvidos pela arqueóloga (1994) do Museu Paranaense em conjunto com a técnica do setor de etnologia J. S. G., entre os dias 18 e 19 de novembro de 1994, visando resgatar a memória da área de Villa Rica Del Espiritu Santo, por meio da representação. Diante disso, as pesquisadoras refizeram “a maquete representando a área urbana de Villa Rica Del Espiritu Santo, usando dessa vez gesso e madeirite”. Reformaram “as vitrines e os painéis com os conteúdos referentes aos parques foram recolocados”. Além disso, as pesquisadoras realizaram seis entrevistas com a população de Fênix, visando ao resgate do imaginário em relação ao patrimônio cultural e arqueológico.

A percepção tanto da arqueóloga quanto da técnica em etnologia foi primordial quanto à representação espacial da área urbana da Villa Rica Del Espiritu Santo, bem como da reestruturação e reorganização dos elementos do museu. Da mesma forma, as entrevistas realizadas visando compreender os imaginários dos moradores de Fênix estão relacionadas ao lugar pesquisado.

Ao proporcionar o relato e a visualização sobre o patrimônio arqueológico, a pesquisadora denota a responsabilidade em termos de sua proteção, preservação, conservação e atitudes para a manutenção das riquezas ali encontradas para as gerações presentes e futuras.

Com o objetivo de validar as informações do museu e deixar de uma forma didática para os visitantes, a pesquisadora do Museu Paranaense realizou atividades entre os dias 30/10 e 02/11 de 1999 visando a proteção, conservação e manutenção do acervo, conforme pode ser observado na transcrição a seguir:

Foi revitalizada a exposição do museu do Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo, sendo que alguns painéis foram modificados acrescentando-se ou trocando fotografias e etiquetas. Também as vitrines foram higienizadas e as etiquetas modificadas, buscando uma melhor visualização do material exposto.

Essa transcrição refere-se à porção do espaço do museu quando é vista pelo observador, possível de ser identificada, compreendida pelos olhos dos diferentes indivíduos, por meio dos artefatos, das etiquetas e das fotografias ali presentes.

Outro elemento de destaque no livro de registro se refere à projeção do parque para outros estados, tendo em vista a intencionalidade da pesquisadora em divulgar as riquezas arqueológicas ali encontradas quando escreve: “*Ainda foram emprestados 6 carimbos cerâmicos da coleção Paulo Graf, que devem ser expostos (dois deles apenas) na exposição Brasil 500 anos no Parque Anhembi em São Paulo, no ano que vem*”.

Há outro fragmento de texto no qual os elementos topofílicos estão presentes, quando a pesquisadora atribui significado e importância ao lugar tanto de caráter prático e objetivo quanto no sentido da subjetividade, emoções e sentimentos. Esses sentimentos só são possíveis devido à vivência com o parque e com os funcionários que ali trabalham.

[...] Permanecem alojados no ótimo alojamento do Parque. É sempre fantástico retornar ao parque!!! Gostaríamos de agradecer a amizade atenção e companheirismo de todos os funcionários do Parque em especial o gerente João, France, ao Jair, ao Lourival e ao José, bem como a Regina. Agradecemos a colaboração do pessoal da delegacia do município de Fênix na impressão de parte das etiquetas da exposição.

As palavras “ótimo”, “amizade”, “fantástico” e “companheirismo” são elementos sentidos e percebidos a partir do olhar e da percepção da pesquisadora. As sensações de afinidade para com o ambiente definem a aproximação e a proximidade da pesquisadora com os seus espaços de vivência.

A pesquisa

Neste item, buscou-se trabalhar com outras transcrições de pesquisadores que vivenciaram e ainda vivenciam o Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo. A análise a seguir leva em consideração os estudos desenvolvidos pela pesquisadora S. B. M., cujos trabalhos tiverem início entre os dias 21 e 24 de janeiro de 1990, sendo estes constituídos de várias fases. Em virtude da riqueza de detalhes da pesquisadora, foram selecionadas apenas algumas transcrições para este texto.

Vale destacar que pela ótica da Geografia da Percepção, o parque seria “mais que espaço do que lugar, justamente por atuar sobre ele mais conceitual do que intimamente, construindo uma realidade que é a criação de objetividade científica e pensamento, estruturada pela inteligência”. Ou seja, “percebem por meio de filtros científicos e profissionais, nem sempre carregados de afetividade” (Machado, 1996, p. 108).

A pesquisadora S. B. M. relata uma das primeiras visitas:

Esta visita constitui a 1ª fase de campo do projeto de pesquisa “Aspectos de frugivoria, dispersão de sementes e utilização de habitat nas espécies de tucanos do Parque Vila Rica. Nesta fase foram marcadas com fitas plásticas coloridas 114 espécimes vegetais de diversas espécies com frutos adaptados ao consumo por aves. Das 3 espécies de tucanos que ocorrem no parque (*Pteroglossus aracari*, *Bailloniuss bailloni*¹ e *Selenidera maculirostris*). Somente a segunda não foi avistada. Todas as trilhas e estradas internas foram percorridas bem como os limites do parque. Algumas trilhas necessitam uma pequena limpeza, mas o Parque de uma maneira geral encontra-se bem conservado.

O conteúdo das descrições evidencia como é possível conhecer o parque enquanto lugar e a sua paisagem tanto nos aspectos qualitativos quanto nos quantitativos, como científico e conceitual. As experiências da pesquisadora possibilitam imaginar a realidade, utilizando desde os sentidos diretos até a percepção visual, ao identificar a riqueza em espécimes vegetais adaptadas ao consumo das aves, em específico dos tucanos. Ainda pontua pela sua percepção que o parque em geral continua bem conservado.

Dando continuidade à pesquisa, a bióloga retorna ao parque entre os dias 21 e 24 de fevereiro de 1990, quando finaliza a segunda fase do projeto, deixando evidente a partir da sua percepção:

[...] conto agora com 170 árvores marcadas e um grande número de registros para 2 das 3 spp. de tucanos ocorrentes no Parque (*Pteroglossus aracari* e *Selenidera maculirostris*). A reabertura de duas trilhas ajudou no trabalho [...]. Todas as árvores marcadas na 1ª fase foram examinadas.

A bióloga ainda procura substituir as marcações danificadas ou ausentes. A intencionalidade da ação da pesquisadora resulta em um diálogo entre ela e o meio natural. Para Santos (2002 p. 91), “a intencionalidade seria uma espécie de corredor entre o sujeito e o objeto”. Assim, é nessa relação que: “[...] sujeito e objeto criam-se mutuamente, eles se substancializam um à custa do outro na ‘empiricidade’, onde, sob a ação da forma, revelam-se no evento”.

Entre os dias 07 e 10 de dezembro de 1990, S. B. M., já na décima fase e após árduos trabalhos de levantamento das espécies da fauna e da flora que teve início no mês de fevereiro, deixa a seguinte passagem no livro de registro:

Última fase material botânico da maioria das plantas marcadas foi coletada 90 concluída com 276 espécimes de árvores marcadas e aproximadamente 250 registros de tucanos. No próximo ano a coleta de dados irá continuar complementando o trabalho. Serão incluídos novos procedimentos.

Ao terminar esta etapa a pesquisadora deixa evidente a percepção da riqueza em espécimes vegetais e dos tucanos registrados. Entende-se que a profissional acumula conhecimentos científicos que são percebidos e identificados a partir de suas experiências e

1 KIMURA, R. K., S. L. PEREIRA, E. T. GRAU, E. HÖFLING, AND A. WAJNTAL. 2004. Genetic distances and phylogenetic analyses suggest that *Bailloniuss* Cassin, 1867 is a *Pteroglossus* Illiger, 1811 (Piciformes, Ramphastidae). *Ornitologia Neotropical* 15: 527-537.

vivências no ambiente. Porém, ela registrou algumas preocupações relacionados ao uso do parque:

É bom o parque finalmente recebendo certa atenção por parte do público agora com o museu inaugurado, mas seguro maior vigilância, pois os danos com o aumento dos visitantes começam a surgir. Visitação deve ser acompanhada de orientação e controle, do contrário em alguns anos não haverá o que visitar". Após meses de pesquisa no parque, a pesquisadora deixa evidente a preocupação em proteger e preservar, pois as consequências serão inevitáveis se não tiverem cuidados adequados para com o parque, procurando manter o equilíbrio nessa paisagem.

Entre os dias 05 e 09 de junho de 1993, os pesquisadores S. B. M. e W. C. J. iniciam a primeira fase de um novo projeto intitulado

Estudo da utilização de habitats por frugívoros especialistas como base para o manejo de pequenas áreas. "Continuação do meu projeto de tese com os tucanos transcorreu normalmente", conforme afirma S. B. M., "As trilhas e algumas plantas foram remarcadas e redes foram armadas para a captura de algumas espécies. Todo esse inventário dessa área protegida torna-se indispensável para análise ambiental destinada à proteção e à conservação de espécies ali existentes.

No decorrer do projeto, os pesquisadores deixaram também outras percepções no livro de registros ao se referirem ao ambiente do parque, estabelecendo relações com os acontecimentos que chegam diretamente, por meio dos sentidos, sendo estes vivenciados pela visão, audição, tato, olfato por meio das experiências vivenciadas. Vejamos as transcrições:

O tempo extremamente frio atrapalhou as capturas, mas foram feitos alguns registros interessantes" (30/07 a 03/08/1993). Já no mês seguinte "O bom tempo permitiu um grande número de capturas, entre elas duas *Selenidera maculirostris* e três *Pipra fasciicauda* que foram marcadas com anilhas plásticas coloridas. Uma das fêmeas de *Selenidera maculirostris* já foi observada em campo (03 a 07/09/1993).

Porém, entre os dias 01 e 05/11/1993, os pesquisadores afirmam "Boa fase de campo, apesar do calor excessivo". Os mesmos destacam ainda que "O mau tempo prejudicou as capturas e os contatos visuais com os tucanos, bem como as coletas de fezes entre 02 a 07/06/1994".

Ao observar as transcrições anteriores, percebeu-se o cuidado dos pesquisadores em deixar no livro de registro, além das espécies da flora e da fauna do parque, também a percepção do ambiente relacionada às condições do tempo, ou seja, as intempéries. Os pesquisadores utilizam as seguintes expressões, "extremamente frio", "bom tempo", "calor excessivo" e "mau tempo", todas essas sensações são percebidas no cotidiano, influenciadas pelas condições climáticas, o qual é sentido de forma diferenciada por cada indivíduo. Com base na sensação de frio ou calor, por exemplo, é que estas podem ser sentidas mais por algumas pessoas e menos em outras. Todas essas "relações do indivíduo com o meio são possíveis por meio dos seus sentidos e pela forma como se relaciona com o meio". Dessa

forma, “[...] o visível é o que se apreende com os olhos, o sensível é o que se apreende pelos sentidos” (Merleau-Ponty, 1999, p. 28).

Os pesquisadores S. B. M. e W. C. J., entre os dias 04 e 08 de novembro de 1994, chegaram à 48ª fase de pesquisa, concluída com baixo número de capturas, porém destacam que nessa fase elas

Foram importantes, porque além de dois *Selenidera maculirostris* incluiu um *Baillonius bailloni*, tucano já muito raro no Parque”. Também levantaram novas áreas do parque para serem investigadas em “busca de novas espécies de plantas bem como de um maior número de contatos com os tucanos”. Os pesquisadores destacam que nessa fase “teve início a análise da densidade populacional de *Penelope superciliaris* (jacu) para complementar os dados sobre o comportamento e a dieta desta espécie que vem sendo coletados desde 1990.

Entre os dias 13 e 16 de janeiro de 1996, na 62ª fase, os pesquisadores enfatizam:

Confirmada a queda da população local de várias espécies animais causadas pela tempestade de 20/10/95 a disponibilidade de frutos ainda é deficiente na área, mas deverá ‘regularizar-se’ nos próximos meses, com o início da frutificação do palmito. Parabenzamos o IAP e, principalmente os funcionários do Parque, pelo esforço que tem feito no sentido de manter um suprimento alimentar artificial nesse período a dificuldade para a fauna.

Diante da vivência e da experiência adquiridas em relação à percepção dos pesquisadores, notou-se certa afetividade com relação aos aspectos valorativos, que mesmo sem a intencionalidade dos pesquisadores, acabaram adquirindo um valor afetivo para com o parque.

Entre os dias 13 e 18 de setembro de 1996, já na 65ª fase, S. B. M., S. W., estagiária estudante, e J. Q., bióloga e mestranda, deixam comentários no livro de registros referente ao projeto dos ninhos:

[...] na fase anterior foram confeccionados 280 ninhos pelo projeto financiado pelo IAP, que vise aferir a predação de ovos e a potencial efeito dos predadores sobre a comunidade de aves do Parque. Neste mês os ninhos foram instalados pela primeira vez, verificando-se uma taxa global de predação de aproximadamente de 65%. Algumas áreas do Parque apresentaram maiores taxas o que parece guardar relação com a presença de outros itens alimentares no local (amora, p.ex.). O projeto será continuado até fevereiro de 1997 quando uma análise mais profunda dos resultados será possível.

Diante disso, foram notáveis as experiências, a percepção e a objetividade das pesquisadoras em relação à preservação e manutenção daquele ecossistema. Para Tuan (1983, p. 09), a “[...] experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade”. Nesse sentido, são as diferentes experiências que definirão o grau de interação do indivíduo com os fenômenos naturais.

Esse item apresentou a objetividade da pesquisadora S. B. M. pela dedicação, pelas pesquisas científicas, pela liderança das equipes, pelas transcrições que foram feitas com

esmero, em “letras desenhadas” no livro de registro, que hoje se encontra amarelado pelo tempo, porém de uma riqueza de detalhes incontestável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo por base as transcrições no livro de registro, o Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo e fundamentado na perspectiva de Tuan (1980), acerca das experiências vivenciadas no parque enquanto lugar percebido e vivido pelos frequentadores, foram analisados alguns elementos os quais foram denominados em quatro categorias: a beleza e a riqueza do parque; o poético, o museu arqueológico e a pesquisa.

Com relação aos visitantes, estes são capazes de identificar méritos e problemas do parque, ao passo que o morador de Fênix, que visita constantemente esse lugar, além de demonstrar uma relação de afetividade, não consegue perceber alguns elementos que foram observados pelos visitantes.

Considera-se que as transcrições apresentadas referentes à beleza e riqueza do parque conduzem a uma situação de interesse pelo espaço percebido pelo visitante, pois a beleza sempre nos “salta os olhos” em qualquer situação. Compreende-se pelas transcrições que esses elementos naturais são dotados de fortes sentimentos e diferentes sensações, levando-se em consideração os aspectos psicológicos de cada indivíduo.

Já as transcrições poéticas trazem para nosso conhecimento, ou do ponto de vista empírico, contribuições imensas e diferentes perspectivas de análises. Os visitantes ao escreverem sobre os aspectos vividos no parque deixaram registros das diferentes realidades percebidas em diferentes momentos, ou seja, aspectos subjetivos como objetivo da realidade tanto interior como exterior.

Quanto à terceira categoria, que se refere ao museu arqueológico, ficou evidente o olhar diferenciado da arqueóloga sobre o parque no que se refere aos aspectos valorativos e de preservação das riquezas ali encontradas. Tais impressões foram registradas de forma detalhada no livro de registros do parque durante os vários trabalhos de pesquisa ali desenvolvidos, cujos objetos arqueológicos encontram-se disponibilizado no museu para o público visitante.

Já a última categoria se refere à riqueza de detalhes deixada no livro de registro pela bióloga referente à flora e à fauna local. É importante salientar que a percepção da mesma não foi somente como pesquisadora. Em virtude do longo período de atividades ali realizadas a mesma interagiu com o parque estabelecendo uma relação de apego sentimental, que pode ser traduzido pelo vínculo afetivo estabelecido pelo lugar, por meio das suas experiências.

Para finalizar, foi possível destacar que toda essa pesquisa só foi possível a partir das impressões deixadas pelos visitantes no livro de registro. Porém, desde 1997 não é mais possível encontrar esses detalhes, tendo em vista que essa prática foi abolida no livro de registro, registrando-se apenas a data, o nome do visitante e a cidade de origem.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, M. Z. A. (2006). *Espaços livres públicos inseridos na paisagem urbana memórias, rugosidades e metamorfoses: estudo Parque Urbanos 13 de Maio*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, PE, Brasil. Recuperado de https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/6867/1/arquivo6898_1.pdf.
- Alves, T. C. V. A. (2012). *Parques urbanos de Fortaleza-CE: espaço vivido e qualidade de vida*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, SP, Brasil. Recuperado de <http://acervodigital.unesp.br/handle/11449/104416>.
- Bovo, M. C., & Amorim, M. C. C. T. (2011). Análise e diagnósticos dos parques urbanos em Maringá (PR) Brasil. *Geo UERJ*, 2 (22), 323-349. DOI: <https://doi.org/10.12957/geouerj.2011.2466>.
- Carneiro, A. R. S., & Mesquita, L. de B. (2000). *Espaços livres do Recife*. Recife: UFPE.
- Dardel, É. (2011). *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva.
- Kliass, R. G. (1993). *Parques urbanos de São Paulo*. São Paulo: Pini.
- Lencioni, S. (2003) *Região e Geografia*. São Paulo: EDUSP.
- Lima, A. M. L. P., Cavalleiro, F., Nucci, J. C., Sousa, M. A. de L. B., Fialho, N de O., & Picchia, P. C. D. D. (1994, setembro). Problemas na utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos. *Anais do Congresso Brasileiro de Arborização Urbana*. São Luís, MA, Brasil, 2, pp. 539-553. Recuperado de <https://www.erambiental.com.br/var/userfiles/arquivos69/documentos/12925/LimaEtAl-AreasVerdes-1994.pdf>.
- Lowenthal, D. (1982). Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In Christofoletti, A. (Org.), *Perspectivas da geografia* (p. 103-141). São Paulo: Difel.
- Macedo, S.S., & Sakata, F. G. (2010). *Parques urbanos no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Machado, L. M. C. P. (1996). Paisagem valorizada: a Serra do Mar como espaço e como lugar. In Del Rio, V., & Oliveira, L., *Percepção ambiental: a experiência brasileira* (p. 97-119). São Paulo: Nobel.
- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção* (Moura, C.A.R, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Mikich, S. B., & Oliveira, K. L. (2004). *Conhecendo o Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo Fênix, Paraná, Brasil*. Curitiba: Mater Natura – Instituto de Estudos Ambientais.
- Minayo, M. C. S. (1995). O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In Guareschi, P., & Jovchelovitch, S. (Orgs.), *Textos em representações sociais* (p. 89-111). Petrópolis: Vozes.
- Relfh, E. C. (1979). As bases fenomenológicas da geografia. *Geografia*, 4(7), 1-25. Recuperado de <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/14763>.
- Santos, M. (2002). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Scalise, W. (2002). Parques urbanos: evolução, projeto, funções e uso. *Revista Assentamentos Humanos*, 4(1): 17-24.
- Spirn, A. W. (1995). *O jardim de granito*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Tuan, Y. (1980). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel.
- Tuan, Y. (1983). *Espaço e lugar*. São Paulo: Difel.
- Vilwock F. H. (2016). Localização do Parque Vila Rica do Espírito Santo em Fênix- PR.

Recebido em 13/fev./2024

Aceito em 17/jul./2024

Versão corrigida recebida em 03/out./2024

Publicado em 22/nov./2024